



SOBRE UMA LEITURA LUKACSIANA DE *O CAPITAL*

Henrique André Ramos Wellen¹

Elton Rodrigo Rosa²

Resumo: Objetivou-se analisar, de forma comparativa e reflexiva, a relação entre alguns elementos presentes em *O Capital* de Marx e posicionamentos teóricos e metodológicos apresentados por Lukács, tendo por base o fundamento ontológico do trabalho. Ressalta-se que Lukács não é apenas um continuador de Marx, porque sua obra contém elementos inovadores e uma nova agenda de pesquisa. Enquanto Marx se propôs a analisar o modo de produção capitalista, Lukács tentou apreender as especificidades do ser social, que são muito mais gerais do que a análise contida em um modo de produção. Nesse sentido, os autores incorporam níveis de intensidade distintos na crítica da economia política.

Palavras-chave: Karl Marx; György Lukács, Economia Política; Trabalho Abstrato; Ontologia.

Abstract: The objective was to analyse, in a comparative and reflective way, the relationship between some elements presented in Marx's *Capital* and theoretical and methodological positions presented by Lukács, based on the ontological foundation of the work. It is emphasized that Lukács is not just a follower of Marx, because his work contains innovative elements and a new research agenda. While Marx proposed to analyse the capitalist mode of production, Lukács tried to apprehend the specificities of the social being, which are much more general than the analysis contained in a mode of production. In this sense, the authors incorporate different levels of intensity in the critique of political economy.

Key-words: Karl Marx; György Lukács; Political Economy; Abstract Work; Ontology.

¹ DESSO/CCSA/UFRN; Doutor; harw@uol.com.br

² CEDEPLAR/UFMG; Doutor; eltonrosa@gmail.com

PROMOÇÃO



APOIO

1 INTRODUÇÃO

György Lukács (1885-1971) se dedicou, nas décadas finais de sua vida, à contribuição daquilo que ele acreditava ser uma das maiores necessidades para o avanço da organização política e da consciência de classe trabalhadora: a reconstrução do marxismo. Para ele, a importância dessa tarefa seria devido a leituras e utilizações instrumentais do pensamento de Marx, que ele considerava equivocadas e que teriam repercutido em análises sociais e encaminhamentos políticos problemáticos, como o neopositivismo (LUKÁCS, 2014, p. 173-4). Dentre os alvos da sua crítica, constavam emissários da segunda internacional, interpretações trotskistas e stalinistas, e até mesmo Friedrich Engels³.

No entendimento de Lukács, para resgatar, dentro da tradição marxista, a assimilação correta do pensamento de Marx, seria necessário ir em busca dos seus fundamentos teóricos e metodológicos. O grande desafio seria, portanto, a seu ver, remodelar as análises contemporâneas marxistas, tendo por base os elementos mais importantes ressaltados por Marx nas suas reflexões e pesquisas. E, na opinião do filósofo húngaro, o ponto de partida para essa empreitada deveria ser a análise do trabalho como elemento central do desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade.

O esforço dedicado por Lukács para essa causa pode ser medido não somente na quantidade de páginas que ele escreveu e publicou sobre essa temática, mas também pela amplitude de referências teóricas e de categorias elencadas para tentar uma sistematização dos avanços da sua análise. As variadas etapas deste processo, que remetem a avanços e inflexões, podem ser sintetizadas nas suas principais publicações referentes a este período (Lukács, 2018a; 2018b; 2018c). Da mesma maneira, tal fato pode ser constatado em relatos e testemunhos registrados de forma biográfica e bibliográfica (Lukács, 2017; 2014).

A socialização destas análises realizadas por Lukács influenciou, por meio de leitura e assimilação do seu pensamento, novas posições interpretativas dentro do marxismo. Com isso, foram inauguradas abordagens analíticas dentro da tradição

³ Se, em 1923, Lukács (2003), criticou Engels por equalizar a dialética social à dialética da natureza, em 1971, ele afirmou que a utilização deformada de uma visão histórica, baseada em necessidade lógica, (empregada pelo autor alemão e por alguns social-democratas), teria servido de base para o stalinismo (Lukács, 2017).



marxista e sobre as obras de Marx. Ademais, estes novos posicionamentos também forneceram maior relevo de pesquisa a categorias e temáticas presentes nas obras de Marx que, de alguma forma, ainda não teria obtido certa estatura teórica. Um momento importante deste processo remete ao resgate de temas relacionados à alienação que, através da difusão de obras de Lukács, incitou maior valorização da análise desta categoria dentro da tradição marxista. Em diversas obras lukacsianas se observa não somente a presença constante desta categoria, como também um esforço sobre a atualização da análise do seu impacto e amplitude nas sociedades capitalistas contemporâneas. Se a sua obra de 1923, *História e Consciência de Classe* (LUKÁCS, 2003) irradia uma nova perspectiva crítica ao capitalismo através das categorias da alienação e da reificação, a obra escrita ao final de sua vida, *Ontologia do Ser Social* (LUKÁCS, 2018b; 2018c), apresenta uma ampla (e polêmica) atualização analítica acerca desta categoria.

Entretanto, conforme admitido pelo próprio autor⁴, a esperança que Lukács nutria ao final da vida era poder deixar como legado o enfoque metodológico que ele passara a ressaltar nas obras centrais do período final da sua vida. Como, no seu entendimento, grande parte das leituras e utilizações das análises de Marx teria se aproximado de uma perspectiva positivista, o fundamento metodológico central incorporado pelo pensador alemão não estaria sendo tratado de forma devida. No entendimento do filósofo húngaro, era preciso resgatar a perspectiva ontológica que estaria presente, seja de forma explícita ou não, nas obras de Marx. Segundo elucida Netto (2012, p. 13), para Lukács, um dos motivos da paralisia teórica do marxismo “residia justamente na liquidação da inspiração ontológica de Marx – não por acaso, em algum lugar ele observou que muito do pensamento staliniano e stalinista expressava uma invasão neopositivista na tradição marxista”.

A irradiação desta perspectiva lukacsiana, contudo, não foi capaz de instigar esforços e dedicação equivalentes ao nível do filósofo húngaro, para estabelecer os

⁴ Em outubro de 1959, Lukács escreveu uma carta, destinada a Lucien Goldmann, em que criticava o autor francês por supervalorizar a sua obra de 1923 (*História e Consciência de Classe*), em detrimento das obras do período mais recente de sua vida: “Se eu tivesse morrido por volta de 1924 e minha alma perene olhasse sua atividade literária do além, ela ficaria plena de um verdadeiro reconhecimento de você se ocupar tão intensamente de minhas obras de juventude. Mas como eu não estou morto e como durante trinta e quatro anos eu criei o que se pode chamar apropriadamente a obra de minha vida e como, para você, essa obra simplesmente não existe, é difícil para mim, enquanto ser vivo, cujos interesses estão claramente dirigidos para a própria atividade presente, tomar posição sobre suas considerações” (apud FREDERICO, 2000, p. 299).



fundamentos da sua análise. Mesmo assim, não se pode desqualificar a influência que a adoção deste enfoque ontológico passou a ter, tanto como guias teóricos, como provedor de finalidades políticas. O Brasil talvez seja um dos países em que essa influência se deu de forma mais significativa. E, nesse contexto, a formação dentro do Serviço Social brasileiro recebeu um aporte de bastante relevo, fazendo com que, por exemplo, léxicos e categorias lukascianas fossem absorvidas e utilizadas, com frequência, em sua prática científica e acadêmica⁵.

Nesse sentido, esse manancial analítico deixado por Lukács serviu de base para novas análises em variados campos do conhecimento, com destaque para a filosofia e a estética. Da mesma forma, o arcabouço teórico-metodológico lukacsiano também foi empregado para análises dentro da crítica da economia política e, em especial, às obras de Marx que se conectaram com essa área científica.

Na verdade, quando se observam os diversos textos escritos pelo autor alemão, torna-se difícil identificar algum que, mesmo que de forma indireta, não se relacionasse com a crítica da economia política. A conexão de Marx com esse campo de estudos se torna explícita desde a primeira metade de 1840, quando Marx iniciou os seus estudos sobre a economia política e produziu, por exemplo, um conjunto de rascunhos analíticos sobre esse tema (Marx, 2015a; 2015b; 2010). De fato, a partir de 1844, se revela a permanente presença da economia política nos estudos e pesquisas de Marx, como ciência a ser assimilada criticamente. Ocorre que, ao menos duas décadas depois desses estudos iniciais é que Marx, ao publicar a primeira edição da sua principal obra teórica, apresenta, de forma sistemática e inédita, uma análise inédita e idiossincrática da economia política. Conforme indica o subtítulo do seu livro mais importante, ele, enfim, teria chegado à sua *crítica da economia política*.

O objetivo deste texto é analisar, de forma comparativa e reflexiva, a relação entre alguns elementos presentes nessa obra de Marx e posicionamentos teóricos e metodológicos apresentados por Lukács, tendo por base o fundamento ontológico do trabalho. Trata-se, portanto, da exposição de características críticas de uma possível leitura lukacsiana de *O Capital*, de Marx.

⁵ Dentre os principais motivos para a incorporação do pensamento de Lukács dentro do Serviço Social brasileiro, destaca-se a atuação de importantes professores lukacsianos destes cursos, como José Paulo Netto, Sérgio Lessa e Carlos Nelson Coutinho (na sua fase pré-gramsciana). Sobre esse tema, ver: Sousa (2016).



2 A CORUJA DE MINERVA⁶: TRABALHO ABSTRATO X TRABALHO CONCRETO

Na parte inicial de *O Capital*, quando Marx principia a exposição da manifestação e da determinação do valor das mercadorias, ele faz alusão direta ao fundamento do trabalho. De um lado, o autor alemão apresenta o trabalho relacionado ao valor de uso das mercadorias e, de outro, o trabalho conectado ao valor de troca (como manifestação do valor) das mercadorias. É conforme a maneira que se segue que ele disserta sobre o primeiro lado do trabalho, relacionado à produção de valor de uso:

como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana (Marx, 1996a, p. 172).

O destaque sobre essa face do trabalho apresentada por Marx, quando comparada com as análises lukacsianas, indica, de início, um elemento paradoxal. A citação anterior é um dos poucos momentos em que o autor alemão se refere ao que poderia ser tratado, na obra lukacsiana, como uma espécie de trabalho em sua face mais ontológica e universal. Conforme se observa nos escritos do final de vida de Lukács, a sua análise sobre o trabalho remeteu a um grande esforço analítico do filósofo húngaro, visto que, para ele, esse seria um elemento fundante do ser social. Por isso que, para o filósofo húngaro, a sua análise categorial sobre a *Ontologia do Ser Social* se inicia pelo capítulo do trabalho (Lukács, 2018c).

Se observa, de imediato, uma assimetria entre as ênfases dos dois autores acerca desta análise. É importante ressaltar que a diferença entre quantidade de páginas e frases direcionadas ao trabalho como expressão do valor de uso (Marx) ou no seu sentido mais ontologicamente universal na esfera do ser social (Lukács), expressa, essencialmente, uma importante diferença de enfoques entre eles. Para

⁶ Um das principais premissas metodológicas apresentadas por Hegel acerca do conhecimento é que esse se processa em *post festum*, isto é, como forma de explicação posterior à existência dos fatos: “Para dizermos algo mais sobre a pretensão de se ensinar como deve ser o mundo, acrescentaremos que a filosofia chega sempre muito tarde. Como pensamento do mundo, só aparece quando a realidade efetuou e completou o processo da sua formação. O que o conceito ensina mostra a história com a mesma necessidade: é na maturidade dos seres que o ideal se ergue em face do real, e depois de ter apreendido, o mundo na sua substância reconstrói-o na forma de um império de idéias. Quando a filosofia chega com a sua luz crepuscular a um mundo já a anoitecer, é quando uma manifestação de vida está prestes a findar. Não vem a filosofia para a rejuvenescer, mas apenas reconhecê-la. Quando as sombras da noite começaram a cair é que levanta voo o pássaro de Minerva” (Hegel, 1997, p. XXXIX).



Lukács, se trata de apreender as determinações constituintes do ser social que, nesse sentido, teriam validade universal dentro dessa esfera do ser. Por outro lado, quando Marx apresenta a citação indicada anteriormente, ele está realizando uma análise sobre as determinações e manifestações de valor da mercadoria dentro do modo de produção capitalista. A frase de abertura de *O Capital* é bastante elucidativa em relação à indicação do enfoque metodológico adotado pelo autor alemão nessa obra: “A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘imensa coleção de mercadorias’ e a mercadoria individual como sua forma elementar. Nossa investigação começa, portanto, com a análise da mercadoria (Marx, 1996a, p. 165).

Diante desse fato, constata-se que o tratamento dado à categoria trabalho presente na obra madura de Marx está subsumido à exposição dos elementos da mercadoria e do seu valor. Isso fica explícito no subtítulo utilizado para nomear o item em que aparece a citação indicada anteriormente: *duplo caráter do trabalho representado nas mercadorias*. Nesse momento, não se trata, pois, de analisar o trabalho a partir de suas propriedades gerais, nem o seu foco de investigação se estabelece a partir desta categoria. A categoria trabalho é evocada pela necessidade de expor a determinação do valor das mercadorias e mostrar como a sua forma dúplice se manifesta especificamente em sociedades nas quais predomina o modo de produção capitalista. Segundo um ponto de vista apreciativo, não se pode classificar as formas de manifestação do trabalho como sendo algo intrinsecamente positivas ou negativas para o desenvolvimento da humanidade. Antes, em Marx, trata-se de expressão fundamental das formas de valor da mercadoria⁷.

Em *O Capital*, são as manifestações da mercadoria no capitalismo que incidem sobre a exposição do trabalho e não o contrário. Nesse sentido, como, pela sua aparência, a mercadoria manifesta-se como portadora de valor de uso e de valor de troca, Marx busca a conexão destes elementos com as formas de trabalho. Como dito, como produtor de valor de uso, o trabalho é algo universal. Mas não apenas: a expressão do valor de uso da mercadoria conecta-se com a manifestação concreta da

⁷ Uma abordagem variante, mas que também tende para uma análise valorativa do trabalho pode ser observada em Postone (2014). Mas, diferentemente da perspectiva empregada por Lukács (2018c), que atesta a universalidade da centralidade do trabalho, para o autor canadense essa ontologia seria invertida. A seu ver, como, dentro do capitalismo, o trabalho estaria sempre funcionalizado pelo fetichismo da mercadoria, seria preciso superar essa centralidade ontológica.



sua produção, com as especificidades do processo produtivo que a originou e que, portanto, torna uma determinada espécie de mercadoria distinta de todas as demais.

Por ser resultante dessa relação social, o valor de uso demarca-se pela especificidade. Esta especificidade se manifesta na mercadoria também a partir do trabalho que foi despendido na sua produção. A especificidade do valor de uso da mercadoria manifesta a especificidade do trabalho que serviu para produzi-la. Assim, expressam-se as características particulares desse trabalho, que podem ser identificadas por distintas características específicas à sua produção: estado da técnica, aplicação da ciência ao trabalho, cultura nacional, regional ou local, em suma, a história que permitiu que um determinado tipo de trabalho útil viesse a cumprir um papel na divisão social do trabalho. Aquilo que é específico na mercadoria manifesta aquilo que é específico no trabalho que foi utilizado na sua produção. A mercadoria, analisada como valor de uso, manifesta o trabalho na sua forma concreta.

Todavia, a manifestação da mercadoria através do seu valor de uso explica pouco sobre o modo de produção capitalista e, menos ainda, sobre a determinação do valor dentro deste sistema econômico. Na sociedade dominada pelo modo de produção capitalista, as trocas de mercadorias, em seu aspecto quantitativo, não ocorrem pela mediação pura dos seus valores de uso. Dentro das relações econômicas capitalistas, o valor de uso se apresenta como suporte do valor das mercadorias, e Marx analisou a determinação e o funcionamento deste fenômeno.

Na sociedade capitalista, o valor de troca é algo que se manifesta na mercadoria sempre que ela esteja confrontada em uma relação de intercâmbio com outra mercadoria. Na verdade, o valor de troca como manifestação das mercadorias também não é algo exclusivo da sociedade capitalista. O que se inaugurou com este modo de produção foi a dominação do valor de troca nas relações sociais, que tem relação com o crescente predomínio do capital na esfera da produção. Com isso, na dominação da forma mercadoria, se manifesta não somente a unidade e o caráter crescentemente universal da produção das mercadorias, como também expressa o trabalho como abstração geral dessa determinação. Se observa, mais uma vez, que não se trata, nesse momento, de denúncia da destruição das especificidades dos processos produtivos, nem dos trabalhos despendidos para gerar estas mercadorias. O foco adotado por Marx em *O Capital* não é a defesa das múltiplas características subjetivas do trabalho, mas análise da sua representação na mercadoria.

PROMOÇÃO



APOIO



É a partir desse ponto que Marx conseguiu encaminhar uma análise dentro do campo da economia política, em que apresentou, por meio da investigação da manifestação do valor das mercadorias, a relação de equivalência entre as distintas formas de trabalho. Para tanto, um novo caminho de análise foi por ele construído. Ainda que autores da economia política que precederam Marx tenham empregado categorias como valor e valor de troca, ou trabalho e força de trabalho, eles não apresentaram as distinções mais específicas tornadas possíveis pela análise a partir do desenvolvimento do modo de produção capitalista. Foi somente com essas diferenciações, que só começam a ganhar contornos mais claros nas obras de Marx a partir da segunda metade dos anos de 1860, que o autor alemão conseguiu, por exemplo, indicar com precisão a mais-valia, bem como a sua funcionalidade para a compreensão de outros fenômenos do modo de produção capitalista⁸.

Toda essa análise passa pela forma de utilização da categoria trabalho abstrato em Marx. E, repetimos, mais uma vez, a exposição desta categoria em *O Capital* não ocorre de forma autônoma, pois se encontra conectada à forma mercadoria. Trata-se do trabalho abstrato representado nas mercadorias, operando como determinação social dos seus valores. Além disso, ressalta-se que o movimento de abstração aqui adotado por Marx (1996b, p. 130) expressa também um recurso metodológico:

Além disso, na análise das formas econômicas não podem servir nem o microscópio nem reagentes químicos. A faculdade de abstrair deve substituir ambos. Para a sociedade burguesa, a forma celular da economia é a forma de mercadoria do produto do trabalho ou a forma do valor da mercadoria.

Empiricamente, na perspectiva adotada por Marx em *O Capital*, não existe algo como um “trabalho abstrato” autônomo (nem, muito menos um “trabalhador abstrato”) que servisse de objeto de investigação, por exemplo, para a sociologia do trabalho. O trabalho abstrato, nesse sentido preciso, figura como uma relação social que, representada na forma mercadoria, transcende as especificidades de cada tipo de produção em torno de uma equivalência destes trabalhos específicos. Assim, o trabalho abstrato só pode existir através das formas concretas de trabalho e não autonomamente a estes. Claro que isso só existe como categoria presente na totalidade social, e que aporta um sentido que é necessariamente não-concreto⁹.

⁸ Mandel (1968) apresenta elementos teóricos e biográficos importantes sobre algumas destas alterações no pensamento de Marx.

⁹ Outro exemplo deste tipo de categoria, utilizada por Marx (1996a) para analisar o valor das mercadorias, e que está conectada diretamente com o trabalho abstrato é o tempo de trabalho socialmente necessário. A validade desta categoria se encontra na totalidade social, como um cálculo



Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos, que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato (Marx, 1996a, 168).

Mas essa categoria não é nem um pouco menos real ou material do que, por exemplo, o trabalho concreto, a exploração ou o capital. É uma categoria que não apenas possui validade real e heurística na análise econômica no capitalismo, como é indispensável para conectar a análise da manifestação e do conteúdo de valor da mercadoria. Além disso, mesmo que, historicamente, não se tenha plena consciência desta categoria, ela tem operado como uma mediação fundamental na vida social:

Portanto, os homens relacionam entre si seus produtos de trabalho como valores não porque consideram essas coisas meros envoltórios materiais de trabalho humano da mesma espécie. Ao contrário. Ao equiparar seus produtos de diferentes espécies na troca, como valores, equiparam seus diferentes trabalhos como trabalho humano. Não o sabem, mas o fazem. Por isso, o valor não traz escrito na testa o que ele é. O valor transforma muito mais cada produto de trabalho em um hieróglifo social. Mais tarde, os homens procuram decifrar o sentido do hieróglifo, descobrir o segredo de seu próprio produto social, pois a determinação dos objetos de uso como valores, assim como a língua, é seu produto social. A tardia descoberta científica, de que os produtos de trabalho, enquanto valores, são apenas expressões materiais do trabalho humano despendido em sua produção, faz época na história do desenvolvimento da humanidade, mas não dissipa, de modo algum, a aparência objetiva das características sociais do trabalho. O que somente vale para esta forma particular de produção, a produção de mercadorias, a saber, o caráter especificamente social dos trabalhos privados, independentes entre si, consiste na sua igualdade como trabalho humano e assume a forma de caráter de valor dos produtos de trabalho, parece àqueles que estão presos às circunstâncias de produção mercantil, antes como depois dessa descoberta, tão definitivo quanto a decomposição científica do ar em seus elementos deixa perdurar a forma do ar, enquanto forma de corpo físico (Marx, 1996a, p. 200).

A abstração das características úteis das mercadorias e dos trabalhos que as produziram é um movimento necessário, no modo de produção capitalista, para que ocorra a determinação dos seus valores. Mediadas pelas trocas, as mercadorias se relacionam entre si e, conseqüentemente, confrontam os tipos de trabalhos que foram empregados nas suas produções. O desenvolvimento das trocas de mercadorias exige o processo de quantificação. Salienta-se que a quantificação não é a anulação das qualidades da mercadoria, mas é a abstração de quase todas elas. Quase todas porque o processo de quantificação só existe quando uma mesma qualidade é adotada como parâmetro comparativo. Não se pode comparar dois corpos tomando-se como referência, por exemplo, o tamanho de um e o peso do outro.

sistemático das médias dos tempos de trabalho individualmente aplicados à produção de uma determinada mercadoria e que leva em consideração o desenvolvimento das forças produtivas. Também é importante ressaltar que, no ordenamento de *O Capital*, a categoria trabalho abstrato é indicada de forma precedente à categoria tempo de trabalho socialmente necessário.

PROMOÇÃO

APOIO





Como relação de trocas de valores, o trabalho se encontra representado na mercadoria. Torna-se quantificado porque foi abstraído em torno de uma unidade qualitativa, em que apenas uma das suas qualidades foi considerada, em desfavor das demais. O que diferencia qualitativamente os tipos específicos de trabalho deixa de se manifestar, e o que é unitário passa a ser determinante. Mas o trabalho abstrato, como categoria, é uma forma de ser, uma determinação advinda do desenvolvimento do objeto analisado que, nesse caso, é o modo de produção capitalista. Apenas a partir da dominação da forma mercadoria, surgida na sociedade capitalista, é que o valor se tornou universal nas relações econômicas, requerendo-se, assim, a característica mais abstrata e universal de qualquer processo de trabalho: que ele é realizado no tempo, e por isso possui uma determinação quantitativa temporal.

Todavia, afirmar que se trata de uma categoria histórica não é o mesmo que defender a sua exposição por meio de uma abordagem histórica ou historicista¹⁰. Para Marx, esses são dois enfoques que merecem bastante consideração para suas diferenciações. Pode-se rastrear historicamente os passos do surgimento de uma categoria. Mas isso só pode ser realizado depois que a própria categoria já passou a existir ou, ao menos, quando a sua existência se tornou possível. A categoria do trabalho abstrato, por exemplo, só passou a ter eficácia prática a partir do advento da sociedade dominada pelo modo de produção capitalista. Na sua existência já está pressuposta, portanto, o conjunto de determinações posto pelo modo de produção capitalista. E, em *O Capital*, a forma pela qual essa categoria foi exposta implica, logicamente, a vigência do modo de produção capitalista como realidade pressuposta.

Essa afirmação, de que modo de produção capitalista se encontra pressuposto já no início de *O Capital*, não é, entretanto, consensual dentro dos analistas desta obra. O caso mais célebre de uma avaliação divergente foi apresentado por Friedrich Engels. Após a morte de Marx, coube, ao seu parceiro histórico, a árdua tarefa de organizar e editar os materiais deixados pelo autor alemão, a fim de apresentá-los de forma sistemática e cadenciada. Desse esforço surgiram os livros 2 e 3 de *O Capital*. No prefácio ao livro 3 de *O Capital*, ao apresentar contendas contra Schmidt e Fireman

¹⁰ Dois pares de procedimentos metodológicos se conectam na análise de Marx: a) entre o método de investigação e o método de exposição, em que se distingue o caminho de apreensão das determinações dos objetos da maneira empregada para a sua exposição; b) entre a forma histórica e a forma lógica para expor, de forma coerente e sistemática, as determinações processuais que substancializam os objetos analisados.



acerca da validade da análise econômica de Marx, Engels (2010, p. 16) realiza a seguinte afirmação:

Isto deixa claro, portanto, porque, no começo do seu primeiro livro [de *O Capital*], Marx adota a produção simples de mercadorias como sua premissa histórica para, em última análise, avançar desta base até o capital – porque ele procede da mercadoria simples no lugar da sua forma lógica e histórica secundária – da mercadoria já consubstanciada de maneira capitalista. Fica claro, obviamente, que Fireman não consegue perceber isso.

No entendimento de Engels, a parte inicial de *O Capital* seria, portanto, referente a uma exposição econômica pré-capitalista, em que a mercadoria (e o valor) ainda não teriam passado pelas determinações do modo de produção capitalista. Nesse sentido, em vez de iniciar essa obra por algo que fosse específico da sociedade capitalista, Marx teria realizado uma abordagem histórica e, a partir desse enfoque, ele teria, gradativamente, avançado até conseguir expor as novas determinações que esse fenômeno teria recebido posteriormente. Lukács (2014, p. 30), por seu turno, em entrevista que concedeu ao final da sua vida, apresentou, ainda que de maneira ambivalente, uma interpretação análoga à de Engels:

Este é, na minha opinião, o ponto de vista central do marxismo, e posso lembrar Marx a propósito da célebre definição segundo a qual as categorias são formas e determinações da existência; o que constitui uma antítese direta da concepção kantiana e também da concepção hegeliana da categoria. É daqui que deriva o método genético, como se pode constatar lendo o início de *O Capital*, onde não se começa pelo trabalho, porém da troca mais elementar de mercadorias. Da ontologia da troca de mercadorias decorre, finalmente, a determinação genética do dinheiro como mercadoria geral.

De um lado, o filósofo húngaro indica que, para Marx, as categorias seriam “formas e determinações de existência”. Contudo, de outro lado, ele afirma que, no início de *O Capital*, Marx não parte das categorias relativas ao modo de produção capitalista, mas da “troca mais elementar de mercadorias”. A questão que surge com esta interpretação é: se o ponto de partida da exposição de Marx foram formas pré-capitalistas, como apresentar o movimento dessas novas formas e determinações de existência para o modo de produção capitalista?

Alguns problemas se apresentam nessas interpretações de Engels e de Lukács: como se pode conceber a transformação das categorias de um estágio ao outro, isto é, da forma pré-capitalista à capitalista? Pode-se recorrer, como exploração inicial do problema, a Hegel (1997b, § 376), que de forma idealista, fez alusão ao movimento de uma crisálida para apresentar, dentro da análise da filosofia da natureza, o processo de transformação dos seres:

Sobre esta morte da natureza emerge deste invólucro morto uma natureza mais bela, sai o espírito. É com a morte, o suprassumir do singular, que emerge o gênero, o espírito; pois a negação do natural, isto é, da singularidade imediata é isto: que o universal, o gênero é posto,

PROMOÇÃO

APOIO





e, sem dúvida, em forma de gênero. Na individualidade este movimento dos dois é o decurso, que se suprassume, e cujo resultado é a consciência, a unidade, que em e para si é unidade de ambos como Si, não só como o gênero do conceito interno do singular. Esta é a transição do natural para o espírito; no vivente a natureza se aperfeiçoou e concluiu sua paz, enquanto se transforma em algo mais alto. O espírito assim proveio da natureza. O fim da natureza é matar-se a si mesma e quebrar sua casca do imediato sensível, queimar-se como fênix para emergir desta exterioridade rejuvenescida como espírito.

Para o filósofo idealista alemão, uma crisálida representaria um movimento de transformação do ser, em que a sua forma pretérita se suprassume (movimento de negação, manutenção e superação) e alcança uma forma superior, inédita. Esta forma nova, por sua vez, não apenas apresenta elementos inéditos, como anuncia, de forma retroativa, as possibilidades da forma anterior que foram realizadas. Se a forma nova surge da antiga, então a forma antiga já portava, em potência, essa transformação. Contudo, para surgir a forma nova, novas determinações foram consubstanciadas que, em processo dialético, se somaram e entraram em contradição com os anteriores. A forma nova é, ao mesmo tempo, a continuação da forma anterior e a sua negação.

Se as categorias são formas que buscam expressar os movimentos dos seres, então toda nova determinação deste ser influencia na representação e na existência daquelas. Cabe à análise teórica buscar apreender não apenas as determinações que consubstanciam esses seres, mas também a dinâmica que influencia na sua constituição. Todavia, ainda que possa indicar tendências deste desenvolvimento, o conhecimento opera na apreensão do movimento das transformações destes seres, de maneira posterior, isto é, depois que as mudanças ocorrem. Além disso, a análise dessas transformações também permite apreender as formas anteriores de uma maneira mais complexa. Diante da forma nova, se revelam as potências (até então desconhecidas) da forma pretérita. Da mesma maneira, a vigência da forma nova implica na instauração de novos sentidos e funções para a forma antiga. O surgimento da borboleta, após passar por sua fase de crisálida, por exemplo, tanto releva possibilidades da lagarta que foram efetivadas, quanto impõe novos significados e funções para a sua existência. Pressupondo a forma borboleta, não se trata apenas da forma lagarta, mas da forma lagarta que se transforma em borboleta.

As análises das categorias expressam modificações históricas do ser, mas a exposição sobre essas modificações, para ser efetiva, não ocorre pelo enfoque sequencial. Segundo Marx, é por meio da categoria na sua forma mais desenvolvida que se pode captar efetivamente as determinações relativas às suas formas

PROMOÇÃO

APOIO





anteriores. No caso das formas da mercadoria, o ponto de partida é a vigência desta categoria na sociedade dominada pelo modo de produção capitalista:

A sociedade burguesa é a mais desenvolvida e diversificada organização histórica da produção. Por essa razão, as categorias que expressam suas relações e a compreensão de sua estrutura permitem simultaneamente compreender a organização e as relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, com cujos escombros e elementos edificou-se, parte dos quais ainda carrega consigo como resíduos não superados, parte [que] nela se desenvolvem de meros indícios em significações plenas etc. A anatomia do ser humano é uma chave para a anatomia do macaco. Por outro lado, os indícios de formas superiores nas espécies animais inferiores só podem ser compreendidos quando a própria forma superior já é conhecida. Do mesmo modo, a economia burguesa fornece a chave da economia antiga etc. (MARX, 2011, p. 58).

Para Marx, em *O Capital*, a exposição do objeto recebe um sentido inverso da daquele utilizado na sua investigação. Se as categorias devem ser expostas pressupondo o ponto máximo de suas determinações – o seu maior desenvolvimento – a análise sobre ao modo de produção capitalista não pode partir das relações de trocas simples ou pré-capitalistas. A ausência deste postulado metodológico conduz a problemas de assimilação desta análise, visto que inviabiliza uma apreensão de transformações qualitativas e como estas geram novos sentidos e funções para formas de categorias menos desenvolvidas. A mercadoria, nas relações econômicas capitalistas, apresenta novas determinações que não apenas se somam às formas econômicas anteriores, mas também conduzem para novas funcionalidades.

3 CONCLUSÃO

Algumas obras teóricas que objetivaram apresentar elementos da economia política a partir de análises de *O Capital* de Marx incorporam pontos de partida diferentes dos do autor alemão. Esse foi o caso de Mandel (1978) que tomou como ponto de partida da sua exposição a categoria do sobreproduto social e buscou conectá-la à análise da mais-valia. Já Netto e Braz (2006) representam, de forma mais aproximada, o que poderia se intitular de uma leitura lukacsiana de *O Capital*. O ordenamento expositivo por eles adotado parte de uma abordagem do trabalho no sentido ontológico e passa pela apresentação de categorias na sua forma pré-capitalista (desde as comunidades primitivas) até chegar na produção de mercadorias dentro do modo de produção capitalista.

Estas abordagens diferem, portanto, do enfoque adotado por Marx em *O Capital*. Nesta obra, o autor alemão nem principia sua exposição por categorias



transcendentais, sem pressupor as determinações do modo de produção capitalista, nem toma por base uma categoria que teria um postulado universal (ou ontológico) e daí segue um ordenamento histórico analítico. A sua exposição tem predominantemente um caráter lógico que pressupõe as determinações específicas do objeto de análise – o modo de produção capitalista. Parte, portanto, do objeto dado para que, desta forma, consiga não somente apreender o que é inédito deste fenômeno, mas também captar os processos de mudanças ou metamorfoses que ocorreram em relação ao que existia antes.

Conforme visto na introdução deste artigo, é fato que Lukács se dedicou, até o final da sua vida, não somente a uma séria assimilação do pensamento de Marx, como também ao prosseguimento da luta política pela construção de uma sociedade emancipada. A sua monumental bibliografia, com destaque para os seus últimos escritos, manifesta esse grande esforço. A sua *Ontologia do Ser Social* tanto atesta grande erudição cultural, como também um domínio extenso de teoria social e filosófica. Além disso, se trata de um empreendimento de grande valor crítico dentro da tradição marxista e que auxilia diretamente na luta teórica e política

Entretanto, ao se comparar a grande obra de Lukács com a de Marx, se observam diferenças importantes de análises e, principalmente, de enfoques metodológicos adotados na exposição das ideias. Lukács, nesse sentido, não é apenas um continuador de Marx, porque sua obra contém elementos inovadores e uma nova agenda de pesquisa. A principal diferença entre as duas obras são seus objetivos analíticos: Marx objetivou analisar o modo de produção capitalista e Lukács abordou as especificidades do ser social, que são muito mais gerais do que a análise contida em um modo de produção. Ao analisar um objeto mais geral, Lukács teve que se ocupar também com determinações do modo de produção capitalista. Por isso, este autor também aportou contatos com a economia política, mas em um nível de intensidade completamente distinto do de Marx. Desconsiderar essas distinções prejudica uma assimilação mais precisa de ambos os autores e de suas obras.

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. Preface. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Collected Works**. Vol. 37 (Karl Marx – Capital Volume III). London: Lawrence & Wishart, 2010.

FREDERICO, C. Cotidiano e arte em Lukács. In: **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, n.14, 2000.

PROMOÇÃO



APOIO



HEGEL, Georg. Prefácio. In: HEGEL, Georg. **Princípios da Filosofia do Direito**. São Paulo: Martins Fontes, 1997^a.

HEGEL, Georg. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas**. Vol. II. São Paulo: Loyola, 1997b.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, Georg. Prolegômenos. In: LUKÁCS, Georg. **Obras de Georg Lukács**. Vol 13. Maceió: Coletivo Veredas, 2018a.

LUKÁCS, Georg. Para a Ontologia do Ser Social. Tomo I. In: LUKÁCS, Georg. **Obras de Georg Lukács**. Vol 13. Maceió: Coletivo Veredas, 2018b.

LUKÁCS, Georg. Para a Ontologia do Ser Social. Tomo II. In: LUKÁCS, Georg. **Obras de Georg Lukács**. Vol 14. Maceió: Coletivo Veredas, 2018c.

LUKÁCS, Georg. **Pensamento Vivido**: autobiografia em diálogo. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

LUKÁCS, Georg. **Conversando com Lukács**: entrevista a Léo Kofler, Wolfgang Abendroth e Hans Heinz Holz. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

MANDEL, Ernest. **Introdução à Teoria Econômica Marxista**. Lisboa: Antídoto, 1978.

MANDEL, Ernest. **A formação do pensamento econômico de Karl Marx**: de 1843 até a redação de O Capital. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboço da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Vol. I. Livro Primeiro (O processo de produção do capital). Tomo 1 (prefácios e capítulos I a XII). São Paulo: Nova Cultural, 1996a. (col. Os economistas)

MARX, Karl. Prefácio da Primeira Edição. In: MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Vol. I. Livro Primeiro (O processo de produção do capital). Tomo 1 (prefácios e capítulos I a XII). São Paulo: Nova Cultural, 1996a. (col. Os economistas)

MARX, Karl. Comments on James Mill, *Elémens d'économie politique*. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Collected Works**. Vol. 03 (Karl Marx, March 1843 – August 1844). London: Lawrence & Wishart, 2010.

MARX, Karl. Cadernos de Paris. In: MARX, Karl. **Cadernos de Paris & Manuscritos Econômicos de 1844**. São Paulo: Expressão Popular, 2015a.

MARX, Karl. Manuscritos Econômicos de 1844. In: MARX, Karl. **Cadernos de Paris & Manuscritos Econômicos de 1844**. São Paulo: Expressão Popular, 2015a.

NETTO, José Paulo. Apresentação. In: LUKÁCS, György. **Para uma Ontologia do Ser Social**. Vol. I. São Paulo: Boitempo, 2012.

POSTONE, Moishe. O sujeito e a teoria social: Marx e Lukács sobre Hegel. In: **Revista Margem Esquerda**. N. 23. São Paulo: Boitempo, 2014.

SOUSA, Adryanice A. S. **Lukács e o Serviço Social Brasileiro**. Curitiba: Primas, 2016.